
O que pode contribuir uma artista contemporânea a uma sala de aula da Educação Infantil. A cor de Jessica Stockholder

Qué puede aportar una artista contemporánea a un aula de Educación Infantil. El color de Jessica Stockholder

What a Contemporary Artist Can Bring to an Early Childhood Education Classroom. The Color of Jessica Stockholder

María Á. Alonso-Garrido ¹



<https://orcid.org/0000-0003-2382-2210>

Miguel Domínguez Rigo ²



<https://orcid.org/0000-0001-6993-4096>

Resumen: Este artículo presenta una reflexión personal acerca del posible diálogo entre las propuestas de arte contemporáneo y la infancia. A modo de ilustración se describe una práctica artística realizada con niños de Educación Infantil basada en la artista Jessica Stockholder. La metodología adoptada es cualitativa y abarca la observación directa en el aula, el análisis de las obras creadas por los niños y los registros orales a través de las grabaciones de audio.

Palabras clave: Educación Infantil. Arte Contemporáneo. Jessica Stockholder.

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão pessoal sobre o possível diálogo entre propostas de arte contemporânea e a infância. A título de ilustração, se descreve uma prática artística realizada com crianças da Educação Infantil baseada na artista Jessica Stockholder. A metodologia adotada é qualitativa e inclui observação direta em sala de aula, análise dos trabalhos criados pelas crianças e registros orais por meio de gravações de áudio.

Palavras chave: Educação Infantil. Arte Contemporânea. Jessica Stockholder.

Abstract: This article presents a personal reflection on the potential dialogue between contemporary art proposals and childhood. By way of illustration, it describes an artistic practice carried out with children in early years education, based on the work of the artist Jessica Stockholder. The methodology adopted is qualitative and

¹María Ángeles Alonso Garrido. Profesora Ayudante Doctora. Departamento de Didáctica de las Lenguas, Artes y Educación Física. Facultad de Educación, Universidad Complutense de Madrid. E-mail: maagarrido@ucm.es

²Miguel Domínguez Rigo. Profesor Contratado Doctor. Departamento de Didáctica de las Lenguas, Artes y Educación Física. Facultad de Educación, Universidad Complutense de Madrid. E-mail: migdomin@ucm.es

includes direct observation in the classroom, analysis of the artistic pieces created by the children, and oral records through audio recordings.

Keywords: Early Childhood Education. Contemporary Art. Jessica Stockholder.

Introdução

A arte contemporânea, com sua diversidade e capacidade para desafiar as normas tradicionais, oferece uma oportunidade única para enriquecer a educação infantil. Em um mundo onde a criatividade e a inovação são cada vez mais valorizadas, integrar a arte contemporânea na aula pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento integral dos meninos e meninas. Distintas investigações (Abad e Ruiz de Velasco, 2021; Andreu, 2015; Arrufat, 2019; González-Vida, 2007; Mediavilla, 2021; etc.) apontam que a arte contemporânea é especialmente adequada para a educação infantil por suas características, favorecendo a criatividade, a empatia, a construção da identidade e a compreensão do mundo (Font-Company, Castell-Villanueva, Torres, Martínez-Villegas y Clemente, 2024). Incluir a arte contemporânea nas propostas pedagógicas destinadas à educação infantil vai muito além do “artístico”: da oportunidade das crianças de não só contemplar, como também investigar sem prejuízos, dialogar, questionar, participar com ações, refletir sobre outras práticas de sua vida cotidiana, expressar-se. Tudo isso contribui a potencializar seu desenvolvimento físico, emocional e social (Souza & Tebet, 2021).

Nesta experiência, realizada em uma sala de aula do infantil de um colégio público, com crianças de 4 e 5 anos, dentro das possíveis estratégias didáticas elegidas a partir das obras de uma artista canadense-americana atual, Jessica Stockholder (Seattle, EE.UU., 1959).

A escolhemos por vários motivos. O primeiro deles tem a ver com a afirmação que fez a artista em algumas entrevistas (art21, 2011), declarando que seu trabalho tem relação com a brincadeira e a diversão. Compara seu processo criativo com a brincadeira das crianças, dizendo que é uma forma de aprendizagem e pensamento sem um fim pré-determinado. Debbie Landau, presidente de *Madison Square Park Conservancy*, definiu a obra que realizou Stockholder para o parque histórico de Nova York como um “parque de brincar”, tanto para a mente como para o corpo, que atuava como um “ímã audaz, brilhante e colorido”, despertando nos visitantes o instinto de “tocar, sentir, explorar e brincar” (Landau, 2009).

Diretamente vinculado com o brincar está o experimentar. A artista cria experiências. Em suas próprias palavras: “minha obra é uma experiência no tempo e no espaço”. Não é narrativa como uma novela (González, 2007). Como espectadores/as, sem nos dar conta, passamos de ser observadores/as passivos a nos tornar em participantes ativos (MNCARS, 2010), somos convidados/as a entrar na obra, dentro do “quadro”, a fazer parte dela, a ser exibidos/as. Para ela o significado essencial de seu trabalho

não redundando no verbal, mas se cria ao experimentar as coisas (Kurchanova, 2014). Inclusive sua forma de trabalhar, segundo ela mesma declara: “começa em um lugar muito físico, sem muitas palavras” (Tillman, 2003), de forma que manipular os materiais, para ela, é como uma forma de “falar”.

As obras da artista misturam materiais artísticos e da vida cotidiana, reunindo objetos velhos e novos de distintas procedências: tapetes, almofadas, telas, lãs, móveis, cestas e outras peças de plástico, lâmpadas, bolas, madeira, eletrodomésticos, pintura... em combinações inusuais e surpreendentes. Estes objetos “correntes” podem conseguir nova vida, assumindo “papéis inusitados” e adquirindo uma “presença imponente” (MNCARS, 2010). Esta forma de fazer, que é uma constante em sua carreira, começou em suas primeiras investigações, que questionavam que a arte se separara da vida todos os dias. Desafia o que, como espectadores/as possamos pensar que é ou não é uma obra de arte. Os meninos e meninas nas escolas habitualmente manuseiam sempre o mesmo tipo de materiais: as ceras (sobre tudo as “duras”, que não mancham, os lápis de cor, as canetinhas, algumas vezes as tintas guache sólidas ou as próprias guache...). Nos parece que podemos questionar o fato de que se possa criar com materiais tão pouco vinculados ao contexto artístico como os que utiliza a artista, alguns inclusive tão familiares para eles como os objetos de plástico ou as pelúcias. Stockholder revoluciona nossas ideias sobre o que vale a pena e o que não vale, o que é valioso e o que não é. Isso também faz com que as crianças quando preferem uma caixa de papelão ao que ela contém dentro.

Onde estão os limites? Poderíamos afirmar que Stockholder é “especialista” em questionar os limites. Suas obras são difíceis de classificar, pois a pintura se expande à dimensão escultórica, e esta à arquitetura ou o espaço. Tampouco está definido qual é o espaço da obra e qual é o do espectador/a (se entrelaçam). Ela descreveu alguma vez seus trabalhos como “pinturas no espaço” (Alcalde-Ramírez & Ruiz-Abellón, 2021). Na escola, as crianças costumam se ver limitadas a trabalhar em folhas de papel ou em algum formato retangular. Parece-nos interessante oferecer-lhes a possibilidade de passar de duas dimensões a três, de utilizar uns materiais para isso que não sejam a massa de modelar, de mostrar-lhes o trabalho de uma pessoa adulta que cria saindo de todos os marcos possíveis. Porque, como disse a própria artista: “onde começa e acaba algo?” (De Santos, 2012).

E o que dizer da cor... Segundo Stockholder, a cor é o coração e a alma de seu trabalho (Kunitz, 2012). Suas criações estão cheias de cores vivas, são visualmente atrativas. Captam com facilidade a atenção (do público, das crianças). A cor, de acordo com a autora, também afeta a como nos sentimos e “evoca a possibilidade de que este mundo no qual estamos seja diferente do que acreditávamos ou de que haja uma abertura a outro” (Jessica Stockholder em conversa com Adam Weinberg, 2009).

Por último, vamos destacar, ademais, a efemeridade de muitas de suas obras. A autora, sendo estudante da arte, não pensava em criá-las, num princípio, em vendê-las, nem em conservá-las, pois

tampouco havia um lugar onde pudesse guardá-las. Esta qualidade a manteve depois como profissional. Em suas palavras: “conservo os slides. O que me importa é o processo: fazer a obra, como uma obra leva a outra, e como o feito de mostrar a obra e que a gente a veja e fale dela a alimenta” (Tillman, 2003).

Utilizar as obras da artista como ponto de partida, junto com as perguntas, reflexões e propostas que expomos às crianças, nos ajuda a desenvolver objetivos educacionais como:

- Fomentar a observação e a descrição da realidade
- Favorecer o desenvolvimento das faculdades sensoriais e motrizes
- Utilizar a criação artística para viver experiências
- Promover uma produção artística criativa e imaginativa
- Fomentar a compreensão de diferentes sistemas simbólicos
- Aprender a se relacionar com os demais
- Familiarizar-se com produções artísticas contemporâneas
- Propiciar a exploração e a experimentação com o espaço
- Reforçar o valor único das ideias individuais de cada criança, assim como o da criação em equipe
- Potencializar a autoestima da criança

Desenvolvimento da prática artística. Semana I: “Escultura pequena”

Começamos o primeiro dia no colégio nos conhecendo. Chegamos na sala do Infantil II no início da aula. Os 22 meninos e meninas que fazem parte do grupo estão sentados em círculo com sua professora. Comprovamos quem havia vindo à aula, nos apresentamos para que aprendessem nossos nomes, contamos um pouco em como será o dia de hoje.

Pedimos aos alunos que nos respondam algumas perguntas, como: qual é minha cor favorita? O que é ser um(a) escultor/a? ou que esculturas conhecemos? Projetamos na tela alguns exemplos de esculturas realistas que têm a ver com a figura humana (ou animal) como o urso e o madroño³, a estátua da liberdade, a sereia de Copenhague, o David de Miguel Ángel (que alguns apontam que está nu), o Discóbolo...

Brincamos de fazer esculturas humanas e colocar título nelas. Começamos com um voluntário que passa ao centro do círculo. Vamos “modelando” a criança, desenhando os braços, as pernas, as mãos em posições que nós inventamos e que ele tem que manter uns instantes. Perguntamos à turma como poderia intitular-se a “escultura”. Logo tratam de fazer o mesmo entre eles.

³ Fruto encontrado nos bosques mediterrâneos no outono e inverno.

Depois vemos exemplos de esculturas contemporâneas, como *Balloon Dog y Puppy*, de Jeff Koons, *Pumpkin (Yellow)*, de Yayoi Kusama, *Seven Magic Mountains*, de Ugo Rondinone, peças tecidas de Katrina Sánchez, Nanas de Niki de Saint Phalle. Em cada uma, as crianças observam, imaginam e respondem livremente às perguntas: o que vemos aí, o que pode ser isso?

Finalmente, de forma individual, as crianças fazem uma escultura com os objetos reciclados que trouxeram de casa (as famílias haviam sido avisadas desde o começo do curso para que guardem todo o tipo de embalagens, especialmente as mais coloridas). Uma vez terminada, lhes dissemos que têm que pensar em um título para sua obra e o escrever. As instruções são muito simples e abertas, para deixar o máximo de liberdade às crianças. Há muitos materiais ao seu alcance e as três pessoas adultas ajudam no que pudessem necessitar de nós. Um material muito importante na hora de colar objetos com autonomia são as etiquetas de velcro de uns 2 cm de diâmetro, que as crianças podem desgrudar e colar com facilidade nos dois elementos que querem unir. É inofensivo, de fácil manejo e aguenta o peso de uma embalagem de plástico.



O entusiasmo é total. Temos que colocar um pouco de ordem diante de tanta emoção desenfreada. Pedimos a eles que se sentem cada um em sua mesa e vão levantando-se, por mesas (estão agrupadas) para eleger a primeira rodada de materiais para trabalhar. Depois desta primeira vez já podem ficar livremente quando queiram, pegar ou deixar. As crianças se empenham a criar com tanta entrega que esquecem até do recreio e inclusive da merenda e somos as pessoas adultas as que começamos a colocar um fim à atividade animando-os a escrever o título de sua obra nas folhas sobre o que haviam colocado todos os elementos e pedindo que nos ajudem a colocar no corredor, onde organizamos uma exposição improvisada sobre umas mesas encostadas na parede. Alguns são resistentes a parar de criar, mas prometemos que na próxima semana voltaremos.

Desenvolvimento da prática artística. Semana 2: “Escultura grande”

Os garotos e garotas nos recebem com muita alegria e expectativa. Hoje, depois de terminar o início da aula, projetamos na tela várias fotos de esculturas de Jessica Stockholder, como: *Four Eyes* (2019), *Once Upon a Time* (2014), *Peer Out to See* (2010), 486 e 491 (2009) (2 peças da exposição *Sailcloth Tears*), *Sem título* (2006), *Car fender with stuffed animals, styrofoam, newspaper, cloth, plaster, oil paint* (Para-lama de automóvel com animais de pelúcia, espuma de poliestireno, jornal, tela, gesso, pintura a óleo) (1989), 291 (1997). Pedimos que descrevem o que veem, o que há ali, e que eles ponham um título em sua criação. A obra de 2006 *Sem título* é descrita por uma das crianças como “uma mesa de macarrão, tem rodas como um carro e também tem uma mala”, e titulada depois “carro de sorvetes”. E *Car fender with stuffed animals, styrofoam, newspaper, cloth, plaster, oil paint* recebe, por razões óbvias, os seguintes títulos: “brinquedos”, “bonecos” ou “pelúcias”. Um menino vê *Once Upon a Time* simplesmente por “lixo”. 486 é denominada por distintas crianças: “taco pintado”, “vasos e caixas” e “a luz” (este último título se deve a que a criança a associa com uma luminária). Inclusive na forma de colocar títulos encontramos uma semelhança entre a artista e as crianças, quando ela afirma que, na maioria dos casos, costuma trabalhar com as palavras de forma parecida a como trabalha com os objetos: “eu gosto que o título acompanhe a obra em lugar de te guiar por um caminho⁴” (Tilman, 2003, p. 28). Além disso, não costuma titular suas obras até muito tempo depois (p. 8).



O forte colorido da obra de Stockholder é uma das qualidades que mais os surpreende ao vê-la. Na primeira exposição retrospectiva que se fez na Espanha sobre a artista (na Fundação Barrié, Vigo), ao perguntar-lhe sobre este tema ela explicou: “Eu gosto muito da color (...). A cor pode ser

⁴ “me gusta que el título acompañe la obra en lugar de guiarte por un camino”.

vista sem luz. Falar dos sentimentos é difícil porque não se veem. A cor é o aspecto físico dos sentimentos⁵” (De Santos, 2012). Para tomar contato com a cor, e também porque a primeira semana nos perguntaram se íamos pintar (lhes haviam adiantado que iam fazer uma atividade artística e pensaram automaticamente que seria isso – o que, se não isso? –) pintamos a color de várias palavras que vamos sugerindo. Pedimos que imaginem de que cor poderia ser o que dissemos a continuação: “a irritação”, “os amigos”, “os beijos”, “papai ou mamãe”. Utilizamos tinta guache e pincéis sobre as folhas. Dobramos primeiro a folha para que se crie quatro espaços e utilizem cada um para uma palavra (ainda que algumas crianças se emocionam depois e necessitam uma folha inteira para cada palavra). Pusemos em cada mesa pratos descartáveis com várias cores, para que peguem as que queiram diretamente ou as misturem.

As crianças, que não costumam pintar com guache com muita frequência, estão mais interessadas na pintura, no pincel, como pintar com os dedos ou, sobre tudo, que cor sai ao mesclar outros que ao imaginar a cor da palavra que os dizemos em voz alta. Achamos muito engraçada quando ao perguntar a eles de que cor são os amigos, vários respondem bem alto: “carne!”, como se fosse algo óbvio.

Há diferenças nas representações que fazem uns e outros. Cada criança tem seu próprio ritmo e processo. Alguns representam formas, outros só manchas de cores. Não podemos nos entreter muito mais porque queremos passar à parte escultória...

Depois de todo este “aquecimento” passamos, agora sim, a construir uma escultura grande em três equipes, para que as três pessoas adultas possam supervisionar a um grupo de crianças (sete em cada um deles). Os materiais são objetos reciclados que foram acumulados nas últimas semanas em suas casas e trouxeram ao colégio (a semana passada já utilizamos alguns, os mais pequenos). Entre eles há

⁵ “Me gusta mucho el color (...). El color se puede ver sin luz. Hablar de los sentimientos es difícil porque no se ven. El color es el aspecto físico de los sentimientos.”



caixas de papelão e embalagens de todo tipo. Trouxemos papéis de cores, cola, etiquetas de velcro, EVA, canudinhos de plástico...

Esta última parte, ainda que desperta um grande frenesi, comprovamos que lhes custa mais do que realizar uma criação individual da semana anterior. Várias crianças seguem fazendo suas construções individuais e nos mostram orgulhosas, pois foi algo

que desfrutaram muito a primeira semana. Deixamos livre poder pintar com guache alguns elementos da construção grupal para outro dia, porque hoje não temos mais tempo.



Desenvolvimento da prática artística. Semana 3: “Caminhos”

Nos cumprimentamos e começamos esta semana perguntando o que estivemos fazendo estes dias passados. As crianças respondem com vontade que “esculturas”, e comentamos que as da primeira semana eram pequenas e as da segunda, grandes.

Vemos na tela fotos de *Flooded Chambers Maid*, uma obra específica (*site-specific*) realizada por Jessica Stockholder no Madison Square Park (Nova York) em 2009. Se trata de uma combinação de

materiais, desde uma plataforma degradê de ferro de cores, até a superfície do chão ou escadas pintadas, flores, plantas, cubos de plástico, etc. Os elementos naturais se misturam com os artificiais/industriais, igual que o desenho orgânico das plantas, árvores, folhas do parque dialogam com o geométrico da obra.

A artista é autora de outras obras que também poderíamos ter utilizado com a mesma ideia, como, por exemplo, *Color Jam*, de 2012, obra realizada esta vez nas ruas de Chicago (EE.UU.). O *Los pès del parpalhòl*, criada para o pátio de uma escola em Tolouse (França). Mas preferimos nos concentrar em uma só.

Perguntamos por exemplos de caminhos em contos. Algumas crianças recordam o caminho de azulejos amarelos, do Mágico de Oz (em sua obra *Over Sand or Sand Ran over Sam*, de 2004, a autora fala precisamente do caminho de azulejos amarelos se referindo a um tapete que recorre o chão da obra). Outros nos falam do que faz a Chapeuzinho até a casa da vovozinha. Como em Hansel e Gretel com as migalhas de pão. Perguntamos quem conhece e quem não cada uma destas histórias e pedimos que expliquem um pouco em voz alta como era o caminho em particular que aparece em cada uma delas. Também lhes dissemos que nos falem de caminhos que transitam habitualmente, ou que poderiam fazer. Por exemplo, o caminho desde casa até o colégio. Um menino sabe o caminho que faz de sua casa à de sua professora! Mais crianças sabem onde vive sua professora e começam a imaginar e a compartilhar em voz alta como iriam até lá desde a sua própria casa. Todos querem ser escutados...

A proposta de hoje é que cada criança construa um pedaço do caminho. Logo os colocaremos juntos uns com os outros, colando-os no chão, para criar caminhos compridos que vão aos lugares que queiramos entre todos. Quando explicamos à turma que vamos construir caminhos pelo chão que cheguem até onde decidamos, um menino diz, na hora, com os olhos abertos como pratos e uma combinação de exclamação e interrogação: “vamos poder pintar pelo chão?!” e nos conta que uma vez fez isso em casa e seus pais brigaram com ele. Ao escutar seu relato outros alunos se sentem identificados e nos narram uma anedota parecida com a que ele passou. Explicamos que sim que vamos poder pintar no chão, mas de uma forma que ninguém possa brigar conosco depois: pintando ou criando sobre papel, cartolina ou plásticos e logo colando o que tenhamos criado no chão.

Os materiais que as crianças vão poder utilizar para seu caminho são, sobre tudo, cartolinas, lâminas de EVA e distintos papeis coloridos, sacolas de lixo também de cores diferentes, etiquetas, tinta guache sólida, postites, canetinhas, tesouras, lama, fita de papel e fitas adesivas mais ou menos grossa. O material principal desta vez é o rolo de sacolas de lixo! E isso que havíamos estado a ponto de jogar fora por pensar que as crianças poderiam não cortá-las bem com as tesouras... Uma menina descobriu jogá-las sobre o chão e comprovar emocionada quão rápido “pinta” um caminho de cor de rosa muito comprido sobre ele. Nos olha buscando aprovação e, ao recebê-la, vai buscar outro rolo

de outra cor seguida por mais crianças, que tem sido testemunha de sua descoberta e querem provar e fazer o mesmo. Assim conseguem em pouco tempo que o caminho chegue até o pátio e tentam que chegue até o refeitório. Uma menina quer que chegue até “os do 1º” e até o banheiro também. Outra menina até o teto. Algumas crianças preferem decidir, desta maneira, a direção que vai tomar o caminho criado entre todos, outros se encargam mais de aspectos estruturais e vão colando o chão com a fita adesiva grossa ou fita de papel, outros propõe objetos ou desenhos sobre o que realizarem na aula, trabalhando em sua mesa tranquilos enquanto os demais estavam fora... A maioria alterna entre todas estas possibilidades e correm felizes de um lugar a outro.



Um dos meninos se arrisca a fazer algo diferente, mas relacionado com o que estamos fazendo todos. Visto que o caminho passa justo ao lado de uma fonte do pátio, vai por uma caixa, a enche de pedras e a coloca em um lugar em que cairia o jato de água. Depois pega uma sacola de lixo azul e a



amarra ao redor da torneira, deixando cair um lado até a caixa. Abre a torneira e deixa que a água cubra as pedras na caixa. Vem emocionado mostrar a “fonte” que acaba de construir. O papelão aguenta um pouco antes de rasgar-se e desmoronar. Elogiamos sua criatividade e reforçamos sua iniciativa.

No processo ocorrem tantas coisas que faltam olhos para ver e atender tudo. Entre os materiais há postites. Um menino cola um postites na roupa de um de nós dizendo que está dando uma multa (um de seus pais deve ter recebido uma multa recentemente e o impressionou). Parece tão divertido ele se dedicar a “colocar multas” aos demais um bom tempo, e as crianças se contagiam com a diversão

fazendo o mesmo.

É difícil andar andar. Saímos pela porta com vários postites-multas colados na roupa. A professora nos conta que uma menina disse depois que fomos: “hoje foi o melhor dia da minha vida” e, ao lhe perguntar por que, ela respondeu: “porque criamos” ...

Desenvolvimento da prática artística. Semana 4: “Atar, tecer, enrolar”

Em nossa quarta semana as crianças nos esperam mais fascinados que nas anteriores. Iniciamos vendo juntos na tela várias fotos da instalação de Stockholder *Assist: Tied to be fit – Middle Period*, (2021). A peça tem como ponto de partida uma “corda” que serpenteia pelas paredes e salas da galeria de arte. Esta “corda” está feita de várias “cordas” de cores entrelaçadas. Também vemos algumas outras obras de Stockholder que contêm este material ou outro parecido, como *Between the Lines* (2017) ou *Crux of the Matter* (2015), *Strings Attached* (2014), além de uma instantânea da obra que realizou no Museo Central de Utrecht, *Stuff Matters*, em 2019, na que aparecia uma “corda” de cores muito similar à de *Tied to be fit*.



Perguntamos em cada uma das imagens o que pode ser, que aparece na obra. Um dos meninos responde sem dúvida, ante a fotografia de *Stuff Matters*: “um quarto de brincar”. Os demais confirmam convencidos.

Explicamos que hoje vamos criar atando, enrolando, trançando, envolvendo, pendurando... Recordamos antes de dar o sinal de partida para começar a trabalhar como se faz uma trança e um “cordão”. Descobrem com surpresa que também podem fazer pulseiras assim e alguns dedicam um tempo no começo da oficina para fazer para eles mesmos ou para sua professora (ao que enchem o pulso entre uns e outros). Os principais materiais que oferecemos hoje são fitas e lãs de cores, além dos já habituais.

Propomos criar livremente partindo desses materiais e estas premissas.

A maioria das crianças começam eligindo uma fita de cetim de sua cor favorita, a que vão adicionando ou atando alguma outra coisa, ou nos pedem ajuda para fazer uma trança ou um cordão com lãs de cores. Também envolvem objetos (como bolas de isopor, por exemplo) em folhas de celofane de cores e os atam à fita ou corda inicial, fazem desenhos e os penduram de alguma maneira, prendem grampos, colam postites, amarram rolos de papelão... Uma vez que consideram que está terminado, o penduramos (as pessoas adultas ou eles mesmos, dependendo da altura) junto aos demais em lugares que tínhamos reservado para isso (uma varal em posição horizontal pendurado do teto, várias cordas que vão de um móvel a outro da sala...).

Nos chama a atenção a “obra” que criam umas meninas livremente (e logo vão somando mais meninos e meninas) colando objetos, desenhos, tranças de lã, pedaços de fita e muitas sacolinhas de celofane transparente e de quadros rosas contendo outros objetos mais pequenos (bolinhas de espuma, pedaços de canudinho que cortaram com as tesouras, lãs e outros “tesouros”) sobre as portas de um armário da sala. Quando percebemos cobriram as duas portas do armário de forma totalmente espontânea.



A despedida de hoje é maior, porque hoje encerramos esta oficina dedicada a Jessica Stockholder que começamos faz quatro semanas. Colamos um postite em cada criança na roupa simbolicamente para dizer adeus, pois este material tem adquirido um significado especial desde a semana anterior para todos os que fizeram parte deste grupo.

Algumas reflexões

“Quero que a gente faça esculturas toda hora” (um dos meninos)

Os bons professores e professoras podem comprovar com um sorriso que a ciência confirma o que sempre tem sabido desde a experiência: não se pode aprender sem emoção. Emoção e cognição são inseparáveis! A neuroeducação é uma nova disciplina que estuda como funciona o cérebro quando aprendemos. O doutor em neurociências e medicina Francisco Mora (2021) afirma que não só a aquisição de conhecimento, se não tudo o que conduz a isso, como a curiosidade, a atenção, a memória ou a tomada de decisões, requer a energia da emoção. É impossível aprender ou lembrar algo que não

nos motive, que não tenha algum significado para nós, que não nos desperte curiosidade e, com ela, “acenda” nossa atenção. E aqui tem um papel fundamental a brincadeira, que segundo Mora (2021), é um mecanismo emocional “disfarçado” que combina a curiosidade com o prazer. A plasticidade do cérebro (a flexibilidade que tem para adaptar-se às mudanças) e a atividade neuronal se estimulam quando brincamos (González de la Roca et al., 2021). Em definitivo, o brincar não é só algo “divertido”, como também uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento cerebral, a aprendizagem e a memória (na infância especialmente, pela maior plasticidade cerebral, mas também na vida adulta).

Estes ingredientes – a emoção, o despertar curiosidade, o “ensimesmamento” que se produz quando centramos nossa atenção em algo que nos interessa muito, o brincar, a alegria que nos provoca – os encontramos também na criação artística, que tanto têm para contribuir à escola e à educação infantil. Existe um vínculo tão claro entre o brincar e a arte que Ruiz de Velasco e Molina (2019) se perguntam se a brincadeira é uma manifestação do feito artístico ou, ao contrário, é arte é a expressão mais lúdica do ser humano e oferecem como possível resposta que a arte possa se desenvolver “em” e “com” o brincar e vice-versa (p. 120).

Mas para que estes elementos ocorram nos parece necessário que as propostas que expusemos às crianças cumpram com uma série de características, entre as que podem encontrar-se as seguintes:

- O processo pode importar mais que o resultado. De não ser assim não se dará o espaço para investigar, experimentar, provar, confundir-nos, retificar, improvisar, descobrir... As propostas abertas, nesse sentido, nas que cabe a possibilidade de mais de um único resultado, podem oferecer mais oportunidades. A metodologia deve ser “criativa” em vez de “reprodutiva” (Blanco & Cidrás, 2023a). E o “erro” ou a “equivocação” tem que ser considerados parte inseparável do processo de aprendizagem.
- As propostas que oferecemos ampliam os referentes das crianças em quanto à criação artística. Isto contribui para que possam contemplar o mundo desde diferentes pontos de vista, a que se incremente sua empatia em direção às diferenças, a que possam encontrar aqueles referentes com os que se identifiquem mais, lhes dá ferramentas para desenvolver seu pensamento crítico.
- Com elas favorecemos a criação de um estilo pessoal, que se distancie dos estereótipos. Permitir que encontrem sua própria voz lhes ajuda a ser autênticos e a expressar sua verdadeira identidade, sendo que aprendem a valorizar a diversidade e a respeitar as diferenças dos demais.

- Somado ao anterior, também buscam ou tem aspectos que trabalham a relação com o outro/a, a colaboração, o trabalho em equipe. Aprender a escutar aos demais, a compartilhar ideias, a respeitar outras formas de ver ou fazer, em definitivo: de ser. Além disso, quando as crianças aceitam sugestões de seus companheiros podem incorporá-las com as suas próprias e encontrar novas soluções (Bertasi & Carvalho, 2022). Estamos de acordo com Blanco e Cidrás (2023a) em que arte e educação trabalham juntas na formação da identidade das pessoas, “não como uma singularidade individual, se não como uma construção autônoma, livre e consciente, conformada em inter-relação com o contexto sociocultural⁶” (p. 13).

Um dos meninos, quando sua professora o perguntou, depois da oficina, o que ele havia achado, respondeu: “eu gostei porque fizemos tudo juntos”. Várias crianças mais assentiram e corroboraram sua afirmação. Outro menino agregou: “outro dia fizemos todas as equipes juntas!”.

- As propostas são “apetecíveis” para as crianças. Se o que pretendemos é poder evocar a curiosidade neles, que conduza à emoção, devemos fazê-lo desde métodos “adaptados à alegria, ao despertar, ao prazer e nunca ao castigo” (Mora, 2021).
- Lhes brindamos a oportunidade de provar distintas formas de expressão, com diferentes técnicas e materiais. As crianças podem experimentar com cada uma delas, descobrir quais gostam mais, permitindo desenvolver novas habilidades, ajudando a aprender a adaptar-se a novos desafios e a aumentar a confiança em suas próprias capacidades.
- Partimos da experiência direta, do fazer, não da teoria, promovendo uma aprendizagem ativa. As ações lhes permitem interagir com o entorno, envolvem múltiplos sentidos, facilitam a compreensão, lhes ajuda a fazer conexões entre o que aprendem e o mundo real. Trabalhamos a partir de suas próprias vivências e das emoções que lhes provoquem.
- Valorizamos que as propostas possam integrar-se na vida cotidiana. Como John Dewey (2008), entendemos que a arte pode ser abordada como uma extensão natural de nossas experiências cotidianas. Nada separado de nossa vida diária, ao contrário: algo que a enriquece e intensifica.
- O espaço no qual se cria está “cuidado” (Blanco & Cidrás, 2023a). As condições da sala de aula ou do lugar no que se trabalha serão adequadas em quanto à luz, temperatura, ruído, ordem, harmonia, estética, etc. Além desses aspectos físicos externos do cuidado, o espaço deve sentir-se pela criança como um espaço seguro, em que não tem medo a ser jugado, se sabe acompanhado e livre para poder expressar-se tal como é.

⁶ “no como una singularidad individual, sino como una construcción autónoma, libre y consciente, conformada en interrelación con el contexto sociocultural”.

Em resumo, nos parece fundamental que as crianças desenvolvam sua criatividade através de seus próprios processos, com múltiplos referentes, e consideramos que nossa responsabilidade é proporcionar-lhes lugares de ação nos que possam criar de forma ativa sua própria visão do mundo (Blanco & Cidrás, 2023b).

Acreditamos em uma educação artística centrada nos sujeitos: os meninos e as meninas. Quando as crianças têm a oportunidade de participar de atividades que lhes permitam criar e expressar suas ideias podemos chegar a conhecê-los melhor (Bertasi & Carvalho, 2022).

Em quanto à interação das experiências pessoais das crianças com as dos artistas que lhes oferecemos nas propostas, coincidimos com Imanol Aguirre (2020) em que pode contribuir para mudar sua visão sobre o mundo: em lugar de vê-lo como algo a descobrir passam a vivenciá-lo como algo a construir. No lugar de repetir o que tem feito outros podem construir algo novo que surja dessa interação. Quando dialogamos com eles sobre o conteúdo das obras dos artistas e escutamos o que têm que dizer lhes permitimos ampliar seus pontos de vista e incorporar suas ideias e opiniões também em outros âmbitos. Acompanhar-lhes na busca, desenvolvimento e expressão de suas pequenas vozes, tanto através da palavra como da criação artística é uma responsabilidade, um desafio e uma honra.

Conclusões

A integração das crianças e sua implicação nas distintas práticas artísticas tem sido muito satisfatória. Envolvemos aos participantes de forma ativa, considerando-os como atores indispensáveis durante todo o processo. Desde o começo estabelecemos um processo de diálogo em ambas direções, que nos tem permitido que desempenhem um papel fundamental, não somente como meros receptores, também como entusiastas criadores, que não se limitam à produção de “artefatos artísticos” descontextualizados.

Atingimos considerar suas vozes e suas inquietudes. Sua visão particular ao início de cada proposta não só nos brinda uma oportunidade única de conhecê-los, também lhes situa em um lugar predominante onde sentem que seu olhar único do mundo é apreciado e necessário, enquanto fazem parte de um processo pedagógico e de aprendizagem em consonância com o desenvolvimento de conhecimentos e competências situadas conforme nossos objetivos.

Esta metodologia e o enfoque inclusivo vinculado a reflexões sobre a arte contemporâneo na sala do infantil lhes permite reinterpretar seu entorno mais próximo e próximo dentro do centro escolar, a sala de aula. Uma sala convertida, um espaço, um ensino, transformado de tal forma que muda a visão das crianças desse elemento tão cotidiano, variando sua configuração e a percepção do

espaço. A sala de aula adquire uma nova dimensão, criando novos significados e novas vivências. Foi por momentos um lugar que surpreendeu às crianças, quem perceberam que esse espaço pode abrigar muitíssimo mais se sabemos aproveitá-lo.

Igualmente, pudemos observar como as crianças constroem diferentes relações com os diversos materiais que lhes proporcionamos e como criam metáforas a partir das formas. Sua habilidade de gerar ideias e metáforas tem sido notável, inclusive quando a exploração dos próprios materiais captou sua atenção durante bastante tempo, foram capazes de combinar estes materiais de forma enormemente criativa. Podemos considerar que, através da investigação e a exploração dos materiais e o uso de diferentes técnicas e procedimentos artísticos não somente têm demonstrado sua grande capacidade criativa, também têm explorado e reinterpretado seu entorno mediante a experimentação multissensorial.

Muitas das experiências artísticas que se realizam nas aulas de educação infantil fazem parte de uma recompilação de atividades às vezes desatualizada e carente de relação alguma com a arte contemporânea, perdendo desta forma uma via extraordinária para despertar sua curiosidade e gerar aprendizagens significativas. Durante os processos, temos constatado que se tem gerado perguntas que têm ido mais além dos habituais estereótipos que já se levantaram alguma vez e que não houvessem sido possíveis se não houvessem tido a oportunidade de trabalhar desde esta nova perspectiva.

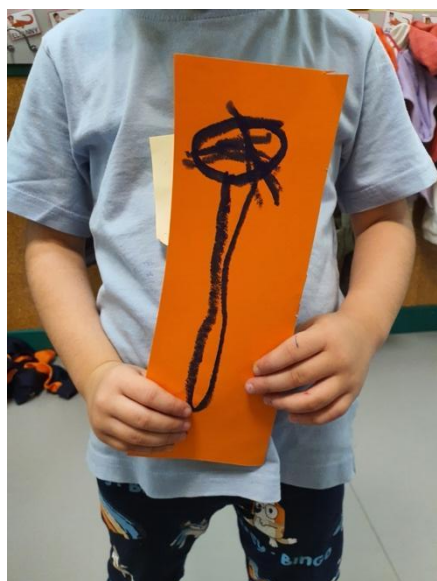
A educação artística na etapa infantil não unicamente tem a ver com aspectos puramente comunicativos, expressivos ou emocionais, é uma forma muito eficiente de conhecimento, indispensável para a formação integral das crianças. Sortear o trabalho com a arte contemporânea é impossibilitar que adquiram novos conhecimentos (não somente informação), desde uma nova perspectiva, mais ampla e deficiente de mecanismos que repetem um padrão muitas vezes estancado.

Quando aproximamos artistas contemporâneos ou sua obra aos centros educativos possibilitamos um novo olhar, outro enfoque. As crianças se enfrentam e levantam problemas e questionamentos similares aos que, neste caso, a artista Jessica Stockholder se levantou ao conceber sua obra. Criar não é o mesmo que produzir, o processo leva a uma série de perguntas e questionamentos constantes que nos aproximam do compromisso criativo, provocando uma aprendizagem prazerosa, mas eficaz como estratégia de conhecimento.

Em definitivo, podemos concluir que em linhas gerais as experiências postas em prática aproximando a arte contemporânea a uma sala de aula de educação infantil incrementam a compreensão e o pensamento, enlaçam diversos aspectos como a reflexão, a criação, o brincar, o conhecimento, a interação ou a exploração. É possível incorporar o pensamento artístico como uma estratégia mais de conhecimento na sala de aula de educação infantil que nos vai permitir desenvolver

habilidades em nossos alunos e incrementar o número de competências primordiais para seu desenvolvimento tanto ao nível individual como coletivo.

Acreditamos que o encontro entre a arte e a escola deve ser constante, gerando experiências que não sejam unicamente complementárias. Devem fazer parte desde sua singularidade e diversidade do espaço de trabalho das instituições educativas, enriquecendo estas e coadunando o que já conhecemos com as dimensões próprias da arte contemporânea já descritas anteriormente, às que podemos adicionar à presença estética, o pensamento crítico, aberto e flexível, o questionamento, o ensaio, o erro, etc.



A arte é muito mais que um meio de expressão e a união com o entorno educativo, mais concretamente com a educação infantil, gera um meio transformador que abarca aprendizagens muito mais amplos ou transversais e menos lineares, relativos à convivência, à participação, à empatia, à autoestima, à singularidade, à inclusão significativa ou à diversidade.

Consideramos que se pode levantar experiências destinadas a consolidar uma realidade que pretenda algo mais que um acercamento temporal da arte contemporânea à educação infantil e confiamos em que este siga integrando-se cada vez mais nas aulas através de projetos prolongados,

colaborando com artistas convidados, criando espaços dedicados à arte dentro da escola, incorporando a arte contemporânea em outras áreas do currículo ou envolvendo a comunidade nos projetos artísticos do colégio, organizando exposições abertas ao público e colaborações com instituições culturais locais.

Agradecimentos

Agradecemos ao Colégio público de Ensino Infantil e Primária Cristóbal Colón de Madrid que nos tem facilitado as condições para a realização do trabalho, com especial menção à turma de 4-5 anos do 2º ano da Educação Infantil “Preguiçosos”.

Referências

ABAD, J.; RUIZ DE VELASCO, A. La creación simbólica de la infancia en las “instalaciones de juego”: vínculos relacionales entre arte contemporáneo y educación inicial. **Revista Humanidades e Inovação**, Tocantins, v. 8, n. 33, p. 107-123, febrero 2021. Disponible en:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4838/2480>. Fecha de acceso: 15-08-2024.

AGUIRRE, I. Los niños no somos artistas. Construyendo otros puentes entre el arte y la infancia. En: CONTRERAS, M.; GARRIDO, R. M.; SPRAVKIN, M. (eds.). **El arte en la trama de la escuela infantil. Experiencias y reflexiones**. 1. ed. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas, 2020. p. 67-77.

ALCALDE-RAMÍREZ, A.; RUIZ-ABELLÓN, A. Cuando la pintura amplía la arquitectura: intervenciones realizadas en el espacio público. **Revista Proyecto, Progreso, Arquitectura**, Sevilla, n. 24, p. 70-87, mayo 2021. Disponible en: <https://doi.org/10.12795/ppa.2021.i24.04>. Fecha de acceso: 08-08-2024.

ANDREU, F. **El aprendizaje emocionante a través del arte contemporáneo en Educación Infantil**. 2015. Tesis doctoral. Departamento de Expresión Plástica, Musical y Dinámica, Facultad de Educación, Universidad de Murcia, 2015. Disponible en: <https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/47398/1/Tesis%20Fabiola%202015.pdf>. Fecha de acceso: 06-08-2024.

ARRUFAT, C. **Arte contemporáneo y educación artística en la escuela infantil. Mapa de tensiones y posibilidades**. 2019. Tesis doctoral. Facultad de Bellas Artes, Universidad de Barcelona, 2019. Disponible en: <http://hdl.handle.net/10803/668215>. Fecha de acceso: 06-08-2024.

Art21 (noviembre de 2011). **Interview: Interests and influences. Jessica Stockholder**. Disponible en: <https://art21.org/read/jessica-stockholder-interests-and-influences/>. Fecha de acceso: 16-08-2024.

BERTASI, A. T. F.; CARVALHO, R. S. O desenho como pensamento visual na educação infantil: As produções gráfico plásticas das crianças. En: CUNHA, S. R. V.; CARVALHO, R. S. (eds.). **Arte Contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Zouk, 2022. p. 11-54.

BLANCO, V.; CIDRÁS, S. **Educar a través del arte. Hacia una escuela imaginada**. Pontevedra: Kalandraka, 2023a.

BLANCO, V.; CIDRÁS, S. El derecho a la creatividad. En: ABELLEIRA, A.; ABELLEIRA, I. **Docentes de infantil. Luthiers del futuro**. 1. ed. Barcelona: Octaedro, 2023b. p. 257-258.

DE SANTOS, A. Jessica Stockholder: El color es el aspecto físico de los sentimientos. **La Opinión A Coruña**, La Coruña, 14 de diciembre de 2012. Disponible en: <https://www.laopinioncoruna.es/cultura/2012/12/14/jessica-stockholder-color-aspecto-fisico-24941442.html>. Fecha de acceso: 20-08-2024.

DEWEY, J. **El arte como experiencia**. Barcelona: Paidós, 2008.

FONT-COMPANY, E.; CASTELL-VILLANUEVA, J.; TORRES, A.; MARTÍNEZ-VILLEGAS, J.; CLEMENTE, R. Educación Infantil y Artistas Contemporáneas: una experiencia significativa en las aulas para la mejora de la formación de maestras. **Arte, Individuo y Sociedad**, Madrid, v. 36, n. 3, p. 715-731, abril 2024. Disponible en: <https://doi.org/10.5209/aris.93588>. Fecha de acceso: 01-08-2024.

GONZÁLEZ, S. Color, 'stuff' and 'moving through the world' inspire artist. **Yale Bulletin & Calendar**, Yale, v. 36, n. 7, octubre 2007. Disponible en: <http://archives.news.yale.edu/v36.n7/story9.html>. Fecha de acceso: 06-08-2024.

GONZÁLEZ DE LA ROCA, C. I.; CHOCOJ, M.; GUZMÁN, M. M.; ALFARO, I. M.; RÍOS, A. Neurociencia: el juego como conector del aprendizaje. **Revista Académica CUNZAC**, Zacapa, v. 4, n. 1, p. 47-51, enero 2021. Disponible en: <https://doi.org/10.46780/cunzac.v4i1.31>. Fecha de acceso: 12-08-2024.

GONZÁLEZ-VIDA, R. **Arte Contemporáneo y Construcción Identitaria en Educación Infantil**. Un estudio sobre el uso del arte contemporáneo y la construcción de la identidad cultural en el grupo Verde de la Escuela Alquería, 2007. Tesis doctoral. Departamento de Pintura, Facultad de Bellas Artes, Universidad de Granada, 2007. Disponible en: <https://digibug.ugr.es/handle/10481/1878>. Fecha de acceso: 06-08-2024.

KUNITZ, J. Jessica Stockholder. El color es el alma de mi trabajo. **Tendencias del Mercado del Arte**, Madrid, n. 49, p. 30-35, enero 2012. Disponible en: https://www.tendenciasdelarte.com/wp-content/uploads/2014/06/2012-01_tendencias.pdf. Fecha de acceso: 06-08-2024.

KURCHANOVA, N. Jessica Stockholder: 'Art changes, taking account of the present moment'. **Studio International**, Nueva York, 9 de enero de 2015. Disponible en: <https://www.studiointernational.com/jessica-stockholder-art-basel-miami-angled-tangle-installation-painting-situation>. Fecha de acceso: 03-09-2024.

LANDAU, D. Foreword. En: **Madison Square. Art 2009. Jessica Stockholder. Flooded Chambers Maid**, catálogo de la exposición (Madison Square Park, 1 de mayo a 15 de agosto de 2009). Madison Square Park Conservancy, New York, 2009. Disponible en: https://madisonsquarepark.org/wp-content/uploads/2021/03/Jessica_Stockholder_Flooded-Chambers-Maid-I.pdf. Fecha de acceso: 03-09-2024.

MEDIAVILLA, E. Construcciones del cuerpo y las artes para una educación infantil transformadora. **Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social**, Madrid, n. 16, p. 23-32, mayo 2021. Disponible en: <https://doi.org/10.5209/arte.71778>. Fecha de acceso: 06-08-2024.

MNCARS (MUSEO NACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFÍA). **Jessica Stockholder. Atisbar para ver (Peer out to see)**. Palacio de Cristal del Parque de El Retiro, 13 de julio de 2010-28 de febrero de 2011. [Dossier de prensa], 2010. Disponible en: <https://www.museoreinasofia.es/sites/default/files/notas-de-prensa/2010-001-dossier-es.pdf>. Fecha de acceso: 11-09-2024.

MORA, F. **Neuroeducación. Sólo se puede aprender aquello que se ama**. 2. ed. Madrid: Alianza, 2021.

RUIZ DE VELASCO, A.; ABAD, J. **El lugar del símbolo. El imaginario infantil en las instalaciones de juego**. Barcelona: Graó, 2019.

SÁNCHEZ MENDIZABAL, U. **Art and recycling in primary education**. Conference Proceedings CIVAE 2022: 4th Interdisciplinary and Virtual Conference on Arts in Education, May 11-12, 2022. p. 302-306. Disponible en: <https://civae.org/wp-content/uploads/2022/06/CIVAE2022.pdf>. Fecha de acceso: 03-09-2024.

Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 28, p. 1-21, e-24330.006, 2025.
Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

SCHWABSKY, B., TILLMAN, L. & COOKE, L. **Jessica Stockholder**. London: Phaidon, 2003.

SOUZA, L.; TEBET, G. Linguagens e materialidades na arte contemporânea: o lugar da educação infantil e das crianças nesse debate. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-15, julho 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.17748.073>. Fecha de acceso: 22-08-2024.

STOCKHOLDER, J.; WEINBERG, A. Chambers Made. Jessica Stockholder in conversation with Adam Weinberg. En: **Madison Square. Art 2009. Jessica Stockholder. Flooded Chambers Maid**, catálogo de la exposición (Madison Square Park, 1 de mayo a 15 de agosto de 2009). Madison Square Park Conservancy, New York, 2009. Disponível em: https://madisonsquarepark.org/wp-content/uploads/2021/03/Jessica_Stockholder_Flooded-Chambers-Maid-1.pdf. Fecha de acceso: 03-09-2024.

TILLMAN, L. Interview. Lynne Tillman in conversation with Jessica Stockholder. En: SCHWABSKY, B., TILLMAN, L. & COOKE, L. **Jessica Stockholder**. London: Phaidon, 2003. p. 8-41.

*Todas as imagens são do arquivo pessoal dos autores.

Recebido: 26/11/2024
Aceito: 20/02/2025

Received: 11/26/2024
Accepted: 02/20/2025

Recibido: 26/11/2024
Aceptado: 20/02/2025

